



Entrevistado: Carlos Walter Porto-Gonçalves

Entrevistadora: Mônica Machado

Entrevista realizada em 14 de setembro de 2001

Mônica Machado: *Vamos começar pela data de seu nascimento, tudo bem?*

Carlos Walter: Se você quiser vamos lá, 21 de julho de 1949. Vai assustar muita gente porque na carteira de identidade a data é outra, porque meu pai registrou em dia diferente.

Mônica Machado: *E filiação?*

Carlos Walter: Walter Gonçalves Dionísio e Alade Porto Gonçalves. De toda forma essas informações você poder retirar tanto de uma entrevista dada por mim que saiu na Revista GeoSul, quanto no currículo que vou te enviar.

Mônica Machado: *Ótimo, então vamos continuar. Qual é sua área de conhecimento é a Geografia Humana?*

Carlos Walter: Isso é algo que eu estou começando a brigar, Geografia Humana. Cada vez mais estou inclinado para uma Geografia Social. Quem me alertou para a Geografia Social, um geógrafo alemão. Quando ele me falou porque ele usa a expressão Geografia Social e não Geografia Humana, eu percebi a importância desta distinção. Ele chama atenção que o que vai conduzir uma Geografia mais crítica é exatamente a mudança da percepção do que seja o homem. Porque antes o homem era o *homo sapiens*, o homem-espécie que tem uma capacidade de transformar a natureza, formando paisagens. Para não ir muito longe eu diria que é a capacidade de modelação do espaço que o homem tem, mas o homem genérico. O que toda a Geografia Crítica vai recuperar, o homem sim, mas o homem genérico através de relações sociais. Então uma Geografia Social é distintiva da Geografia Humana, ela é um corte.

Mônica Machado: *Mas ela é também diferente da Geografia Física, ou ela integraliza?*

Carlos Walter: Não, não. Ela pode recuperar a clivagem, mas no meu caso não. Eu acalento o sonho romântico da unidade da Geografia. A minha produção tem apontado um pouco para essa possibilidade da unidade.

Mônica Machado: *Carlos Walter, pela leitura de seus trabalhos fica muito claro a perspectiva política. Nós poderíamos dizer que você faz Geografia Política, mesmo quando não trabalha com a Amazônia?*

Carlos Walter: Se eu faço a Geografia Política, diante do que eu tinha dito antes, é porque sempre eu tive uma preocupação de fazer uma Geografia que tivesse um conteúdo político embutido dentro dela. Ela não é a Geografia Política no sentido que os geógrafos convencionalmente chamam de Geografia Política, como um ramo da Geografia que estuda as ações do Estado, as geoestratégias, etc. É o que a Berta Becker faz e que eu leio sempre com muita atenção. Mas se você for analisar minha produção da Amazônia, nesse último livro que saiu, é uma geografia política mas ela acaba o tempo todo com os movimentos sociais da Amazônia. Ou seja, é a política por dentro do próprio processo de constituição social, ou seja, enquanto um processo de intervenção por meio da sociedade e não uma geografia política partindo do Estado. Que tenta fazer a Geografia política partindo da sociedade. Daí por exemplo, uma expressão que nos últimos dez anos eu venho colocando, a “re-significação” da palavra Geografia. O que desenvolvo em um livro que acabei de publicar no México que se chama “Geo-grafias”. Com isso eu quero dizer que a Geografia deixa de ser substantivo. Por exemplo a Geografia Política é aquela que vê o objeto da Geografia a organização do espaço. Mas na verdade quem organiza o espaço? Não é a Geografia que organiza o espaço, é o Estado. A Geografia como uma ciência criada pelo Estado para o Estado, para organizar o espaço. Então eu costumo dizer que o objeto da Geografia talvez seja menos objeto de estudo do que objeto de desejo dos geógrafos, mas é sempre um olhar do Estado é um



olhar de sobrevôo. Quem detectou isso maravilhosamente foi Hana Arent. Esse olhar de cima, de fora tentando controlar, fazer o controle do espaço. Eu tento fazer o que? Quando eu pego a palavra geografia e decompou e falo das grafias na terra, ou seja, o atribuir significados, eu tento fazer geografia com a sociedade. Então eu não sei se eu faço Geografia Social ou Política, ou faço Geografia Política porque faço Geografia Social. São coisas indissociáveis para quem está tentando pegar o poder instituinte da sociedade e sobretudo os de baixo, que é por onde eu faço Geografia. Eu tento estabelecer novos significados, novos modos de estar e de ser, nessa aventura na Terra. É isso que eu faço.

Mônica Machado: Uma Geografia Política de esquerda?

Carlos Walter: É uma Geografia anti-estatocrata, que tem uma Geografia de esquerda estatocrata, essa é outra distinção. Eu não sou um ortodoxo de esquerda, isso me trouxe muitos inconvenientes também na minha trajetória. Porque aquilo que teria de melhor na esquerda marxista, na minha opinião, que seria, por exemplo, Thompson ou o Gramsci não é tratado pela Geografia. Vai ter uma influência, primeiro, de toda a corrente que na verdade aceita a premissa da vertente economicista, do estrutural funcionalismo de Althusser, que vai ser influência da esquerda do marxismo na Geografia brasileira. É o contrário então falar de uma Geografia Política de esquerda, pois os marxistas se invocam de esquerda mas a Geografia marxista não é uma Geografia gramsciana nem thompsoniana, com a qual eu tenho enormes afinidades. Portanto eu faço uma Geografia de intervenção. Eu tento fazer uma Geografia com a sociedade civil, eu tento fazer uma Geografia com os que se movimentam, no sentido até que a metáfora “movimento social” sugere. Quem se movimenta, movimenta em mudança de lugar. Eu quero exatamente mudar os lugares e o espaço constituído de “entes” e o modo como os “entes” estão dispostos um em relação com o outro configura uma ordem. Quem se movimenta de alguma forma está apontando para uma mudança de ordem. Eu faço uma Geografia Social que sabe que o social é lugar onde o político é instituído.

Mônica Machado: Você não quer recuperar a Geopolítica.

Carlos Walter: Exatamente, o político é instituído, se o político é instituído há um processo instituinte. Eu quero discutir quem é o processo instituinte, não aceitando que exista, a princípio, alguém que é detentor do poder, ou seja, uma espécie de poder transcendente não o poder imanente da sociedade.

Mônica Machado: Carlos Walter fale um pouco sobre sua trajetória na Geografia.

Carlos Walter: Minha trajetória, que todo mundo sabe, foi profundamente crítica, questionando sempre a Geografia. Ao mesmo tempo, fui saindo da ortodoxia marxista, que a esquerda geográfica sempre teve comigo uma relação meio de amor e ódio, de amor e incompreensão, porque não consegue me questionar. Porque eu sempre tive muito próximo aos movimentos sociais vivos, em ação, que sempre me mobilizou muito. Nesse sentido eu vou recuperar uma outra grande tradição do marxismo, que os marxistas não voltam, que é a Rosa Luxemburgo. Ela não vai dizer o que o povo tem que fazer, mas tentar aprender nas lutas do modo como o povo se liberta e entender as relações de produção da libertação. As relações de produção da libertação e não é dizer quais são as relações de produção, porque elas já estão escritas nas práticas libertadoras, ou então é algo que alguém ou um intelectual que vai, por uma razão transcendente, dizer ao povo o que ele tem que fazer. Mas se existe uma razão que está fora das relações sociais, ela é de Deus ou de quem é? Não precisa ser discutida porque alguém vem com essa idéia de que a razão não vem das práticas sociais, o conhecimento não vem das práticas sociais. Então é isso que tenho procurado fazer.

Mônica Machado: Eu queria que você falasse um pouco sobre a relação entre Geografia e Política especificamente no caso do brasileiro. A Geografia trabalhou o Brasil, do ponto de vista político, a partir de sua escala nacional?

Carlos Walter: Nessa direção nós não podemos esquecer do Orlando Valverde e de seus trabalhos. A Geografia ibgeana pensou o Brasil. Mas, penso que temos de pensar na maneira não do Brasil que o Estado queria que se pensasse. Por exemplo no caso do Antônio Teixeira Guerra, que na verdade fez o seu trabalho.



Ele foi mandado para o Amapá, o antigo Rio Branco, que é Roraima hoje, foi mandado para Guaiporé, atual Rondônia, e foi mandado para o Acre para fazer realizar um estudo de viabilidade para a implantação de uma administração territorial, ou seja, para organizar o espaço. O reconhecimento do território para organização do espaço. Mas o geógrafo, que é aquele que o objeto do estudo é a organização do espaço, mas para fazer aquilo que o Estado quer que faça. Na realidade o geógrafo sempre confunde objeto de estudo com objeto de desejo, objeto de desejo do Estado. É claro que os geógrafos pouco discutiram o Brasil, mas o caso do Josué de Castro pode ser ressaltado. Ele era professor de Geografia na Universidade do Brasil.

Mônica Machado: *Mas ele não tinha um pensamento sobre o Brasil. Eu acho que Josué de Castro deu uma enorme contribuição para a Geografia brasileira, mas eu acho que ele pensou o Brasil a partir da região, que me parece um pouco a característica da Geografia. O que você acha? Afinal existe algum geógrafo que pensou a questão nacional como um todo?*

Carlos Walter: Olha diria que você pode encontrar essa leitura em Orlando Valverde, quando trabalha com a Geografia Agrária, um volume chegou a ser publicado o outro não. Fazia parte de toda uma leitura do significado que a questão agrária tem com a constituição do Brasil. O Valverde é sobretudo conhecido como um nacionalista, é um geógrafo que pensa a questão nacional de uma perspectiva nacionalista. Enfim, ele é um caso. O outro caso é o Josué de Castro. O Josué tem uma visão de Brasil, ele na verdade transcendeu a escala do Brasil, é um homem que teve uma projeção mundial, isso é raro num intelectual brasileiro. A Geografia produziu pelo menos dois homens dessa natureza o Milton Santos e o Josué de Castro, talvez o Milton fosse o homem mais conhecido fora de sua área. O Josué também ele transcendia, ele era um intelectual entre os intelectuais, era um homem da categoria de um Sartre, do ponto de vista das questões políticas mundiais. Nesse sentido o Josué é extremamente importante. Eu não veria a produção do Josué, uma produção regionalista. Ele prevê que o fenômeno, que ele achava que era o fenômeno nordestino, era um fenômeno mundial. Ele mostrar a fome é uma situação mundial. E ele se dedicou a esse fenômeno que é brasileiro e ao mesmo tempo universal. Mas se você quiser, eu acho que a minha geração é uma geração que até porque ela se forjou na luta contra a ditadura, ela se forjou discutindo o Brasil. Então você dizer que o Armen não discutiu o Brasil, que não é correto. Suas linhas de pesquisa centram-se no projeto nacional, ele chega a ser obcecado com essa idéia. Que vai trazer para a Geografia toda uma discussão de uma teoria, por exemplo Inácio Rangel, que é um homem que sobretudo, vai pensar a questão nacional. Então, há geógrafos que talvez não tivessem proeminência no debate político nacional como alguns outros intelectuais, como o Caio Prado Júnior, como talvez alguns historiadores tiveram no debate sobre a questão nacional brasileira.

Mônica Machado: *Mas não é um olhar muito paulista de Brasil? Muito regionalista?*

Carlos Walter: A ironia dos paulistas, é que o paulista nunca se acha regional. O centro nunca se acha regional, não é? Região é uma categoria que significa parte, quando os médicos falam que é uma região do cérebro, aquela parte. Tanto é que quando você passa e-mail para as pessoas tem sempre um ponto algum país, só não tem os Estados Unidos, não tem ponto nenhum, porque ele não é parte, ele é todo. Você não tem “sudestino” nem “centroestista” no Brasil, você tem nortista, nordestino e sulista, são as partes como centro-oeste é do centro, não tem parte, é uma coisa interessante.

Mônica Machado: E o trabalho de Milton Santos, você acha que ele desenvolveu um pensamento sobre o Brasil?

Carlos Walter: No final ele tentou, mas eu não tive ainda tempo de analisar sua última obra. Mas se você pega, por exemplo, uma obra do Formação do Brasil Contemporâneo, Evolução Política do Brasil, você pega Capistrano de Abreu, Florestan, Celso Furtado, você vai ver que são autores que recuperam, entram no debate da constituição do Brasil

Mônica Machado: *Mas e no campo da Geografia, da sua geração que você falou de você e do Armen?*



Carlos Walter: Eu falei do Armen mas por exemplo, a tese de mestrado do Ruy é uma tese que as pessoas precisam pelo menos criticar. Ele tenta discutir toda a questão da relação cidade-campo no Brasil a partir do movimento operário camponês. Agora dizer que não estava pensando no Brasil, que não estava tentando entender esse país, você pode dizer, pode fazer a crítica, mas dizer que não pensou. Vai pegar toda a formação, as orientações de teses que o Ariovaldo deu. É todo um conjunto de orientações que você vai ver que tem as fortes marcas de pensar o Brasil, está sempre pensando a questão camponesa, a questão agrária de uma maneira geral, a questão, enfim, da Amazônia que sempre entra como um tema nacional. O Valverde, eu e Ariovaldo, nós três temos produções sobre a Amazônia. A Amazônia acaba sendo uma maneira de pensar a questão nacional.

Mônica Machado: *Mas como os geógrafos pensaram o Brasil? Talvez essa seja a pergunta.*

Carlos: Pensar o Brasil, os economista pensaram o Brasil? Ou pensaram o Brasil aqueles que não se formaram em economia? Porque Celso Furtado não é formado em economia, o Ignacio Rangel não é formado em economia. Quer dizer, quando começa a se formar em Economia não se estuda mais o Brasil, eu acho isso uma relação interessante. Enfim, eu acho que esse que você está esteja se inspirando um pouco numa tese de que a gente pensou o Brasil sempre a partir da questão regional. Eu não sei, embora existam muitos geógrafos que tenha realmente feito isso. Eu penso que uma característica que talvez possa ser investigada, mas é uma hipótese, é quem é que pensou o Brasil, propriamente? Pois o Brasil é um país que até muito tempo, até 1930, havia presidente do Ceará, presidente do Rio Grande do Sul, presidente de Minas Gerais, tamanho os poderes que eles reuniam em suas mãos, que na verdade estavam pouco preocupados com o que fosse o Brasil. Então você diria que quem pensou o Brasil foram os militares, os ideólogos, os militares e a esquerda, que nunca foi regional, nunca foi regionalista.

Mônica Machado: *E se comparássemos por exemplo a produção do Rio de Janeiro e a produção de São Paulo, que são os dois pólos de grande importância na Geografia brasileira. Há diferenças na forma de pensarem o Brasil?*

Carlos Walter: Quando os cariocas se reúnem fundam a associação brasileira de alguma coisa, mas isso não precisa ser geógrafo, os paulistas reúnem 100 numa sala e fundam a “associação paulista de alguma coisa”. Eu acho que aí não tem haver com a história do Rio de Janeiro, tem haver com a cidade, a capital, aqui é a única cidade brasileira do Brasil. Não é específico a Geografia.

Mônica Machado: *O que você pensa sobre a Geografia brasileira, de um modo geral, e especificamente sobre a Geografia universitária brasileira?*

Carlos Walter: Olha, eu acho que o que vai salvar, do ponto de vista científico e de dar um sentido social para a Geografia, a Geografia universitária especialmente, e não só a do Rio de Janeiro, na minha opinião, vai ser uma entidade com qual a universidade brasileira tem, sobretudo nos últimos anos, uma relação de amor e ódio. Eu diria até que mais de ódio do que de amor, é a AGB. Foi na AGB que, na verdade, se constituiu uma grande ágora de debates fora dos poderes das próprias universidades. A AGB foi para a minha geração, e sobretudo para a geração anterior, um importante lugar da formação do geógrafo brasileiro. Se você conversa com qualquer um grande geógrafo, como Aziz Ab'Saber, Carlos Augusto Figueiredo Monteiro, Bertha Becker, Milton Santos, eles vão dizer a importância da AGB para projetar os grandes nomes da Geografia brasileira.

Mônica Machado: *Mas é a produção da geografia universitária é importante?*

Carlos Walter: Eu acho que é uma produção importante, principalmente nos últimos anos, sem sombra de dúvida, a Geografia explodiu. Esses últimos 25 anos da Geografia brasileira, mais precisamente dos anos 70 para cá, a Geografia brasileira consegue ser ouvida fora da Geografia. Dois exemplos que me parecem emblemáticos. Um é porque que o professor Milton Santos foi ouvido tão fortemente fora da Geografia, uma vez que a produção da Geografia não é tão importante assim, apesar dele ter tecido críticas muito severas à universidade. Milton Santos sempre denunciou a acomodação, uma Geografia que está mais preocupada em



garantir os financiamentos, em influenciar na parte administrativa-burocrática, “eu te cito , você me cita, tu me convidas, eu te convindo”, e ele falava sobre esse assunto assustando muita gente. Outro exemplo foi o Aziz Ab’Saber. A SBPC sempre foi muito ciosa da cientificidade dela e jamais permitiria que uma pessoa que não tivesse uma estatura científica fosse presidente SBPC, e o Aziz foi. E por que que ele foi? Significa dizer que a Geografia foi capaz de produzir um presidente da Associação Científica Brasileira. E eu te diria que isso é, sobretudo fruto da também de preocupação dele com o Brasil. Você tem também a Bertha Becker, mas que é muito mais uma ideóloga do Estado, a Bertha é uma das responsáveis pela política no Brasil na Amazônia. Ela pode hoje ter uma visão crítica do que aconteceu, mas ela não foi analista, ela foi protagonista naquela política, ela ajudou a formular aquela política.

Mônica Machado: *Eu gostaria que você falasse um pouco sobre a Geografia nas três universidades do Rio de Janeiro, a UFRJ, a UFF e a UERJ, suas diferenças e potencialidades.*

Carlos Walter: A primeira coisa que eu acho que tem ficar bastante clara é que a produção que houve da Geografia no Rio de Janeiro mais forte foi a do IBGE. No caso da universidade, a UFRJ, sobretudo nos últimos 10 anos, parece que ela acordou e começou a tornar pública suas pesquisas. Até então, eu não vejo essa produção. Você tem na UFRJ o Roberto Lobato, que é uma figura importante na Geografia brasileira, mas pertenceu muitos anos ao IBGE. Não foi na UFRJ que começou sua vida profissional. Foi no IBGE que se produziu grandes nomes como Aloísio Capideville Duarte, Orlando Valverde, José Veríssimo etc.

Mônica: *Mas e na universidade?*

Carlos Walter: Na universidade, quem? A Bertha Becker.

Mônica Machado: *Mas se fossemos mapear a divisão do trabalho da Geografia universitária no Rio de Janeiro. Qual seria o perfil da UFF, da UFRJ e da UERJ?*

Carlos Walter: Eu não consigo ter uma definição com esse recorte. Não, porque por exemplo, o que é a produção do Marcelo de Lopes Souza, uma pessoa que eu tenho enorme afinidade, tem haver com a produção da Ina ou da Lia Osório? Não tem nada.

Mônica Machado: *Então você está apontando para uma certa diversidade ?*

Carlos Walter: Não tem uma escola, não há uma escola que você possa se referir nessas instituições, são extremamente heterogêneas.

Mônica Machado: *E na UFF o que movimentaria as tendências da UFF? Não é Geografia física, é?*

Carlos Walter: Não. Não é a Geografia Física. Eu acho que, na verdade, na UFF, acabou se aninhando na UFF, um conjunto que tem haver com a história recente do país e com a história e das instituições, o que acabou ficando bloqueado na UFRJ. Por exemplo, a UFRJ chegou a cancelar concursos para que eu e o Ruy não entrássemos lá. Então na UFF passou o Rogério, o Márcio, o Barbosa são pessoas críticas. E depois a UERJ começou a abrir concurso, que acabou também aninhando um conjunto de pessoas mais críticas e, paradoxalmente, a UFRJ ficou, excetuando-se o Marcelo, o pensamento mais conservador

Mônica Machado: *Mas todas essas pessoas que foram tanto para UFF e para a UERJ se formaram de alguma maneira na UFRJ.*

Carlos Walter: Sim, é na verdade.

Mônica Machado: *E a UERJ?*

Carlos Walter: A UERJ vai acabar reunindo sobre tudo nos últimos 5 ou 8 anos aproximadamente uma geração mais nova. Eu não tinha parado para pensar nesta posição. É até bom você me colocar para refletir sobre esse assunto. Porque meu olhar foi muito marcado pelo pólo da AGB e não pelo pólo da UFF nem da PUC. Eu quando vou para UFF, vou em 1987 e só entro com 40 horas mesmo na UFF, em 92. Antes eu já tinha uma



produção bastante conhecida. A minha produção sempre, a minha interlocução, foi via AGB. Então, eu costumo olhar muito as pessoas que estiveram próximas a AGB, que foram tocadas pelo movimento da AGB. Esse é que acaba sendo o meu corte. Porque foi o terreno onde houve um encontro, onde um movimento de renovação da Geografia se juntou com o movimento de renovação da sociedade brasileira. Onde o próprio movimento de renovação da Geografia foi um movimento social na luta contra a ditadura. No caso da UFF há um bom número de professores doutores que vem de uma vertente de pensamento crítico. Eu acho que a UFF acaba tendo uma identidade, que hoje ela já é percebida pelo público. Eu acho que é o curso que acaba tendo o maior número de pessoas inscritas para fazer vestibular. Isso aparece, hoje, um curso que não tem crise no momento, sobretudo com esse pessoal entrando no curso, só cresceu.

Mônica Machado: Essa procura se deve fundamentalmente a dois nomes o seu e o do Ruy Moreira, não?

Carlos Walter: É de fato. Eu fico muito contente pelo meu reconhecimento internacional, principalmente na América Latina. Eu recebo convites para ir ao México, Venezuela, Espanha, Argentina, Colômbia. E quem me chama são pessoas que estão ligadas a movimentos de luta e que vão me chamar como geógrafo. No caso da UFF, nós gostaríamos de construir através do mestrado doutorado do programa Geografia crítica. É importante assinalar, no caso da UFF, o papel desse que o Ruy Moreira tem tido. Uma pessoa com a qual eu não tenho grandes afinidades políticas. Ele está atuando como um verdadeiro reitor, uma pessoa capaz de articular as diferenças.

Mônica Machado: Os profissionais do IBGE não entraram na UFF?

Carlos Walter: O IBGE ficou faltando, mas isso eu acho que é lamentável.

Mônica Machado: De toda maneira é curioso porque a UERJ na minha opinião, é um braço do IBGE, sempre foi, historicamente.

Carlos: Você falando agora me lembra Miguel Alves de Lima, por exemplo. Foi o IBGE, você tem razão. Eu nunca parei para pensar, você acabou recortando uma problemática importante, eu vou ficar com isso na cabeça agora, e vou te passar muito mais informação. Você faz um recorte que eu nunca havia pensado. Eu considero falsas as brigas entre UFRJ e UFF. Eu fiz com a maior tranquilidade, toda a minha carreira foi na UFRJ. Tentei fazer um doutorado na USP e abortei esse doutorado. Cheguei a freqüentar, fazer os créditos e não fiz a tese, e podia ter feito, porque eu escrevi durante o período que eu estava lá “Os descaminhos do meio-ambiente”. Mas eu fiz para a militância, eu fiz para poder entrar no debate. E na época eu estava muito envolvido na luta dos seringueiros, com Chico Mendes. Chico estava vivo e eu estava no auge do meu envolvimento com ele. E aí nesse tipo de trabalho você não pode negar a informação. E tive que fazer memorial descritivo para demanda de terras, e eu era a única pessoa que eles confiavam para esse trabalho. Eu fui para lá para fazer a grafagem da terra para eles. Eu entendia que demarcação era fazer a grafagem da terra. Aí que veio a idéia para mim que território não era algo externo, era o modo como um determinado grupo se apercebia do espaço e dele se apropriava.

Mônica Machado: Em qual universidade você começou a lecionar?

Carlos Walter: Na universidade foi na Católica de Petrópolis, alguns meses depois de ter me formado. Depois fui para a Faculdade Estácio de Sá. Depois na Faculdade de Filosofia de Campos, isso eu acho importante. Toda a minha leitura sobre a questão ambiental foi em Campos. Foram os alunos da Faculdade de Campos que me chamaram para eu fazer um parecer sobre o processo de luta da lagoa pelos pescadores. Foi ali que eu percebi como o povo sabe e isso vai ser uma marca definitiva no meu pensamento. E eu como tinha passado anos pesquisando com grupos ligados a geomorfologia do quaternário, restinga da Barra de Tijuca, eu conhecia bem a dinâmica das lagoas, da formação de restingas. Quando eu fui trabalhar em Campos tinha um processo de secagem das lagoas para poder avançar a produção do pró-álcool, o que provocou muitos conflitos com pescadores. Isso ocorreu em 1976. O primeiro texto que eu produzo, é um texto que eu gosto muito, é um conto, chama-se “O amargo mel de Campos”. Eu ia fazer minha dissertação de mestrado sobre isso, mas nunca



consegui escrever cientificamente sobre isso. Eu achei que tudo que eu tinha para escrever cientificamente eu escrevi numa narrativa de conto. Se aceitassem um conto como dissertação de mestrado eu teria apresentado. Mas foi um conto que eu captei a essência do processo sócio-espacial que se passava ali. Essa experiência me levou a uma compreensão melhor do espaço geomorfológico e me permitiu associar o que eu havia aprendido na pesquisa convencional acadêmica, como ir para campo retirar amostras, fazer estratigrafia e depois interpretar, etc. Eu estava com quatro anos de formado, em 1972 me formei em 75 e 76 eu fui para Campos, em 75 e 76. E naquele momento os pescadores através dos alunos me chamam para fazer um relatório que a Polícia Federal pedia, eu já entrei no conflito. Para poder fazer um relatório técnico, obviamente, que eu tive que evocar o que eu havia apreendido sobre formação lagunar. Quando os pescadores começam a relatar os problemas da lagoa eu fico estupefato, pela percepção que eles tinham, pelo conhecimento que eles tinham da dinâmica da lagoa. Eu fico surpreso do conhecimento deles, um conhecimento que eu adquiri durante 4 anos furando a Barra da Tijuca, para retirar amostras, orientado pelo Elmo, Dither e Jorge Soares Marques. Eu percebi como o pescador também sabia, mas de uma maneira completamente diferente. Então eu aprendi, definitivamente, que são duas matrizes de racionalidade distintas, essa compreensão vai ser constitutiva da minha obra. São matrizes de racionalidade, são formas distintas de pensamento, de percepção da realidade. Que são rigorosamente de conhecimentos. E eu aprendi em Campos. Meu encontro com Chico Mendes é fruto da minha trajetória intelectual e científica, que minha formação em Campos foi essencial. Depois eu começo a trabalhar com o Ney na PUC.

Mônica Machado: O seu pai era político?

Carlos Walter: Meu pai era operário da indústria no Rio de Janeiro. Nunca foi uma pessoa politizada, ele não gostava de política. Só para você ter uma idéia meu pai votou no Dutra. Ele achava que o Dutra ia fazer o melhor governo do Brasil porque não teria inflação. Então você imagina o grau de politização do meu pai era quase que zero. Mas era uma pessoa que passava uma formação ética, moral, correta. E, obviamente, era a condição de quem vivia do trabalho. Eu sei que na verdade isso aí é uma coisa que tem a ver com o trabalho. E para mim isso é muito forte. Eu sei o que é viver do trabalho.

Mônica Machado: Em qual área você trabalha na UFF?

Carlos Walter: No concurso que eu entrei para o quadro, em 1992, antes eu era só 20 horas, eu entrei para Geografia do Brasil e continuo nessa área ainda, trabalhando com sociedade e natureza. Eu adoro trabalhar com Brasil.

Mônica Machado: Quando você entrou para a Geografia da UFF, quem eram os profissionais que se destacavam?

Carlos Walter: Tinha uma pessoa que não estava no Departamento Geografia era a Satie e também Sheila Espada, que já estava se aposentando, mas foi uma pessoa que teve um papel muito importante, tanto no Departamento quanto na ABG.

Mônica Machado: Qual sua opinião sobre a reforma universitária que acaba alocando a Geografia no Instituto de Geociências?

Carlos Walter: Na minha opinião a Geografia perdeu muito. A razão pela qual a Geografia foi para no Instituto de Geociência foi uma razão menor. Ninguém defende a academicamente. Todo mundo sabe que essa mudança ocorreu em função de verbas para a pesquisa e, na verdade, não foi isso que aconteceu. Mas até hoje a Geografia paga um preço caro por isso. Com exceção da USP esse foi um movimento nacional, a ida da Geografia para a Geociências em busca de dinheiro. Foi uma idéia nacional.

Mônica Machado: Sobre a sua formação, quem foram as pessoas que exerceram influência em seu trabalho?



Carlos Machado: Tem pessoas que me marcaram muito mais do ponto de vista afetivo, por uma certa disciplina de trabalho, que eu tenho muito carinho. O professor Waldemar Mendes, pedólogo, com quem trabalhei como monitor e os grupos de pesquisa onde eu convivi como o Dither, o Jorge Marquês e o Elmo Amador. Essas foram as pessoas com quem eu convivi onde eu aprendi uma certa disciplina, uma certa disciplina científica de trabalhar os dados, de ter cautela na hora de fazer afirmações. Foram importantes para uma geografia dos procedimentos de pesquisa. Uma dimensão política dentro da Geografia que eu tive foi a do Waldemar Mendes, embora pouca gente saiba ele era comunista. O professor Waldemar foi parar na UFRJ, mas a formação dele não era acadêmica, ele era de um desses institutos nacionais ligados a agronomia, não sei exatamente qual, e se indispõe politicamente com o órgão e é cedido para a universidade. Mas ele tinha uma larga experiência de pesquisa pedológica, ele fez o primeiro mapa do estado do Brasil. Ele deve estar com quase 90 anos, não sei se ainda está vivo, espero que esteja. Ele era uma figura humana maravilhosa, preocupada com Brasil, para mim foi uma pessoa muito querida. Outra pessoa muito querida para mim foi o Orlando Valverde, embora eu acho que não seja dado o devido destaque. Sempre preocupado com o Brasil e com a justiça social, fazendo uma Geografia com compromisso político. Assim, para mim uma das pessoas mais importantes dentro da Geografia, que me sinalizou o tipo de geógrafo ser foi o professor Orlando Valverde.

Mônica Machado: *E o Milton Santos, você não chegou a trabalhar com ele na UFRJ?*

Carlos Walter: Não, eu nem tive acesso a obra, a obra dele foi boicotada na UFRJ. O professor Milton estava no exílio, na época. E na universidade ele foi boicotado, ele foi embora rápido.

Mônica Machado: *Além das pessoas que mencionou agora me chamou atenção sua aproximação com os geógrafos físicos da UFRJ.*

Carlos Walter: Sim, porque foi com eles que eu aprendi a Geografia. Eu me orgulho muito dessa minha formação. Eu só pude ajudar os seringueiros porque eu tinha uma boa formação em Geografia Física, em Biogeografia etc.

Mônica Machado: *Sua formação política passa por fora da formação acadêmica, não? Então você concorda comigo que falta a formação política na Geografia.*

Carlos Walter: Passa, a minha formação política passa por fora da Geografia e a do Rui também. Falta à Geografia uma formação política, eu tive formação política em partidos clandestinos e não na Geografia.

Mônica Machado: *Algo diferente acontece com a História.*

Carlos Walter: Sim, a Sociologia e até os cursos de Economia, enquanto era eles eram cursos de economia-política.

Mônica Machado: *Talvez se tivéssemos continuado junto com as ciências sociais nossa formação poderia ter sido mais política, não?*

Carlos Walter: Sim, penso que sim. O Orlando Valverde, o Manoel Correia de Andrade, o Pasquale Petrone são pessoas politizadas, porque eles fizeram Geografia e História.

Mônica Machado: *Você é filiado a algum partido político? Nem ao PT?*

Carlos Walter: Já fui, mas hoje não sou mais, não sou filiado a partido nenhum. Eu já fui filiado, fui fundador do PT, fui até coordenador nacional dos ecologistas do PT. Mas tive também envolvido anteriormente em partidos clandestinos. Eu hoje sou um eleitor do PT.

Mônica Machado: *Carlos Walter muito obrigada por esta entrevista.*